

RELEMBRANDO O QUE VIMOS NA SEMANA PASSADA...

O que é Dissertação?

- Texto que circula na esfera acadêmica, logo, pode ser considerado um **gênero acadêmico**.
- Circula na esfera acadêmica tanto por ser uma exigência das principais bancas de vestibular, quanto por reproduzir, em espaço reduzido, a estrutura de um trabalho acadêmico.
- A dissertação também é denominada de dissertação argumentativa, texto dissertativo, dissertação em prosa ou texto dissertativo-argumentativo.
- Predomina a **3ª pessoa na linguagem**, justamente por ser um texto que tenta apagar as marcas de personalidade ao focar no conteúdo (argumentos em defesa de uma tese sobre um tema).
- Considera-se que o público-alvo do texto é o **leitor universal**.

A MACROESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

Para pensarmos sobre a **macroestrutura da dissertação**, vamos partir de um vídeo, produzido e divulgado no canal do Omelete (Youtube), em que são apresentados argumentos em torno da disputa sobre qual seria o melhor filme: Barbie* (EUA, 2023, Greta Gerwig) ou Oppenheimer* (EUA, 2023, Christopher Nolan). Os filmes estão disponíveis na HBO Max e no Amazon Prime Video. (Link: <https://youtu.be/f8JPLnZcx4>)

ENEM (1000/1000)

Na obra "A invenção de Hugo Cabret", é narrada a relação entre um dos pais do cinema, Georges Méliès, e um menino órfão, Hugo Cabret. A ficção, inspirada na realidade do começo do século XX, tem como um de seus pontos centrais o lazer proporcionado pelo cinema, que encanta o garoto. No contexto brasileiro atual, o acesso a essa forma de arte não é democratizado, o que prejudica a disponibilidade de formas de lazer à população. Esse problema advém da centralização das salas exibidoras em zonas metropolitanas e do alto custo das sessões para as classes de menor renda.

Primeiramente, o direito ao lazer está assegurado na Constituição de 1988, mas o cinema, como meio de garanti-lo, não tem penetração em todo o território brasileiro. O crescimento urbano no século XX atraiu as salas de cinema para as grandes cidades, centralizando progressivamente a exibição de filmes. Como indicativo desse processo, há menos salas hoje do que em 1975, de acordo com a Agência Nacional de Cinema (Ancine). Tal fato se deve à falta de incentivo governamental – seja no âmbito fiscal ou de investimento – à disseminação do cinema, o que ocasionou a redução do parque exibidor interiorano. Sendo assim, a democratização do acesso ao cinema é prejudicada em zonas periféricas ou rurais.

Ademais, o problema existe também em locais onde há salas de cinema, uma vez que o custo das sessões é inacessível às classes de renda baixa. Isso se deve ao fato de o mercado ser dominado por poucas empresas exibidoras. Conforme teorizou inicialmente o pensador inglês Adam Smith, o preço de corre da concorrência: a competitividade força a redução dos preços, enquanto os oligopólios favorecem seu aumento. Nesse sentido, a baixa concorrência dificulta o amplo acesso ao cinema no Brasil.

Portanto, a democratização do cinema depende da disseminação e do jogo de mercado. A fim de levar os filmes a zonas periféricas, as prefeituras dessas regiões devem promover a interiorização dos cinemas, por meio de investimentos no lazer e incentivos fiscais. Além disso, visando reduzir o custo das sessões, cabe ao Ministério da Fazenda ampliar a concorrência entre as empresas exibidoras, o que pode ser feito pela regulamentação e fiscalização das relações entre elas, atraindo novas empresas para o Brasil. Essa medida impediria a formação de oligopólios, consequentemente aumentando a concorrência. Com essas medidas, o cinema será democratizado, possibilitando a toda a população brasileira o mesmo encanto que tinha Hugo Cabret com os filmes.

(Texto produzido por aluno do Poliedro – Redação Enem 2019)

FUVEST (42/50)

Atenção: Leia atentamente as instruções do caderno de questões antes de preencher essa folha.

Sem limites

Não há limites para o imaginário humano. Mesmo em condições adversas, o homem é capaz de criar e apresentar a realidade. Seja com a intenção de mudar uma situação vigente, seja para sair da rotina monótona do cotidiano ou fugir de uma realidade hostil à vida. Essas imagens exercem um importante papel na alma humana, ao quais vão muito além da constatação recreativa, elas fomentam a esperança e em alguns casos, podem determinar a sobrevivência de um indivíduo.

No filme "A vida é bela", cujo contexto é o da Segunda Guerra Mundial, um homem, prisioneiro em um campo de concentração, tem uma gama de imagens positivas e divertidas para que seu filho, uma criança, possa estar em meio a uma trincheira. Nesse caso, a fuga da realidade por meio da inventividade humana, significou o alívio do indivíduo, mas isso lhe garantiu a sobrevivência, pois o garoto resistiu até o fim para que possa receber sua recompensa.

Em "O náufrago", o personagem interpretado por Tom Hanks, imagina uma ilha fantástica, dotada de paraismos, a qual foi dada o nome de "Wilson". Essa criação do náufrago evita que a solidão o leve à loucura e ao suicídio, até ser resgatado. Ambos os exemplos dados demonstram como as imagens substituem a realidade por imagens visando o "eu", assim como ocorre na sociedade atual, em que o individualismo cresce, a competição acirra-se e cria-se uma realidade hostil, a fuga torna-se uma questão de sobrevivência.

Martin Luther King ao proferir a frase "I have a dream" referia-se à imagem criada por ele de um mundo melhor, em que o convívio entre branco e negro fosse pacífico. A realidade, entretanto, era marcada por um verdadeiro apartheid, ataques de organizações como a Ku Klux Klan, numa espécie de "caça às bruxas". Após King, muitos da intolerância diminuíu. A imagem criada por um homem salvou o coletivo.

Essa forma, não somente para fugir da realidade, servem as imagens. Elas exercem papel fundamental na transformação do mundo, o qual de hostil pode tornar-se melhor, como o conseguiu do por King.

© Redação – FUVEST 2010

(Texto produzido por candidato Fuvest 2010 - <https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/fuvest-divulga-melhores-redacoes-do-vestibular-2010/>)

• Esta redação deve ser submetida no P+ Redação até 28/02, às 07h30

- Escreva o texto à mão e utilize caneta azul ou preta.
- Instruções padrão Fuvest: “Escreva, no mínimo, 20 linhas, com letra legível, e não ultrapasse a quantidade de linhas disponíveis na folha de redação”.

PROPOSTA

Considerando as ideias apresentadas nos textos e também outras informações que julgar pertinentes, redija uma dissertação em prosa, na qual você exponha seu ponto de vista sobre o tema: **O CINEMA EDUCA?**

Texto 1

(e.du.car)

v.

1. Promover o desenvolvimento moral, intelectual e físico de; ensinar boas maneiras a alguém
2. Transmitir conhecimentos a; instruir
3. Cultivar-se, aperfeiçoar-se:
4. Fazer com que (o animal) obedeça; domesticar
5. Buscar bom nível de desenvolvimento espiritual, moral etc. para (si mesmo).

EDUCAR. VERBETE NO DICIONÁRIO CALDAS AULETE DIGITAL.
Disponível em: <https://aulete.com.br/EDUCAR>

Texto 2

Na contemporaneidade, a mídia exerce sobre a população uma vigorosa ação pedagógica: [...] imersos numa cultura da imagem, alguns desses aprendizados ocorrem com naturalidade. No entanto, assistir a um filme, seja para entreter-se com ele, seja para analisá-lo, pressupõe aprendizagens específicas. Os filmes, por exemplo, são produções em que a imagem em movimento, aliada às múltiplas técnicas de filmagem e montagem e ao próprio processo de produção e ao elenco selecionado, cria um sistema de significações. São histórias que nos interpelam de um modo avassalador porque não dispensam o prazer, o sonho e a imaginação. Elas mexem com nosso inconsciente, embaralham as fronteiras do que entendemos por realidade e ficção. Quando dizemos que o cinema cria um mundo ficcional, precisamos entendê-lo como uma forma de a realidade apresentar-se. Nessas histórias, mergulhamos e vivemos como se nosso corpo estivesse lá, incorporado àquelas personagens que experienciam na tela as mais fantásticas aventuras, dolorosos dramas, eletrizantes musicais, alegres peças de humor, envolventes melodramas, aterrorizantes suspenses e tramas de terror. Elas nos interpelam para que assumamos nosso lugar na tela, para que nos identifiquemos com algumas posições e dispensemos outras. Naquele momento, ocorre uma simbiose entre o corpo do espectador e a história vivida na tela; o tempo e o espaço tornam-se os mesmos representados na película. Quando assistimos a uma produção cinematográfica, a experiência renova-se – é como se fosse a primeira vez, somos levados a um tempo inaugural, sempre no presente

FABRIS, Elí Henn. Cinema e educação: um caminho metodológico.
Educ. Real. [online]. 2008, vol.33, n.01, pp.117-133. ISSN 0100-3143.
Adaptado.

Texto 3

Para Bourdieu (apresentando de forma bastante esquemática), numa sociedade de classes, prevalece clara e naturalmente a supremacia das práticas culturais da classe dominante, e a consequente desvalorização de outras práticas. Isto não acontece como mera transposição de uma relação de dominação, mas através da

criação e validação dos critérios de valorização e hierarquização dos produtos culturais. Em outras palavras, a classe dominante não apenas impõe sua cultura, mas estabelece os critérios que validam certas práticas (as suas) em detrimento de outras. Assim, a exclusão da produção cultural da periferia não se faz - ou não se justifica - por ser de periferia, mas por não atender aos critérios de valorização que vigoram e são aceitos consensualmente. Em corolário, podemos dizer também que os critérios vigentes não contemplam (e, portanto, excluem) a singularidade da produção cultural periférica, não dão conta de apreender os elementos dessa experiência cultural diferenciada. Daí decorre que o problema é mais complexo - e mais profundo - do que entrar ou não entrar no circuito midiático, mas se traduz em entrar revestido de que valores, e com qual legitimidade.

Vera V. França e Denise Figueiredo Barros do Prado. Produções culturais de periferia: Legitimidade e tensões.
Revista de Comunicação, Cultura e Teoria da Mídia issn 1679-9100.

Texto 4

Quinze anos após o dramático e arrebatador lançamento de Ó Paí, Ó, a franquia retoma fôlego nos cinemas. Já em cartaz por todo o Brasil, o longa apresenta o retorno do elenco original, liderado por Lázaro Ramos, e tem a direção de Viviane Ferreira. A diretora abordou o desafio em dirigir a sequência de um filme tão aclamado: “O que não poderia faltar, de fato, era o carisma do Bando de Teatro Olodum e a capacidade de fazer sorrir e refletir. O primeiro [filme] e a própria franquia no teatro tem uma grande marca que é a capacidade de nos convocar para debater e enfrentar temas e feridas coletivas tão sérias e tão profundas, e ainda assim



encontrar espaço para um riso. Um riso não de deboche da existência dessas pessoas, mas um riso de alívio, pois essas pessoas conseguem, no final de tudo, reafirmar que o fato de se ter é o suficiente para continuar existindo e enfrentar todos os problemas”, explicou ela. Ó Paí, Ó 2 é feito da “capacidade de sorrir, refletir e enfrentar feridas coletivas”, reflete a diretora Viviane Ferreira.

(Entrevista Exclusiva) 25 de nov. de 2023 às 10:30. Adoro cinema.com

SUGESTÃO DE REPERTÓRIO PARA APROFUNDAR A ARGUMENTAÇÃO SUGERIDA PELO TEXTO 3 DA COLETÂNEA

Indústria cultural e sociedade do espetáculo: a dimensão política da crítica cultural - Cláudio Novaes Pinto Coelho

“O conceito de **indústria cultural** chama a atenção para o processo histórico de apropriação da produção cultural por **conglomerados empresariais**. Com a transformação da cultura em produtos industrializados, os artistas perdem a autonomia que haviam conquistado na fase inicial da sociedade capitalista, quando a cultura tinha se transformado em mercadoria, mas ainda não era um produto vendido em larga escala. A indústria cultural promove uma fusão da cultura erudita com a cultura popular, esvaziando as relações contraditórias existentes entre elas, e **transformando a cultura** erudita e a cultura popular **em produtos de consumo**: “Mas o que é novo é que os elementos irreconciliáveis da cultura, da arte e da distração, se reduzem mediante sua subordinação ao fim a uma única fórmula falsa: a **totalidade** da indústria cultural. Ela consiste na **repetição**” (Adorno/Horkheimer, 1985, p. 127).

Mas, a crítica de Adorno e Horkheimer à indústria cultural não está baseada apenas na dominação das empresas capitalistas sobre produtores e consumidores dos produtos culturais. Eles se preocupam com a possibilidade da indústria cultural colocar em risco os regimes políticos democráticos, devido à **presença de elementos do totalitarismo, como a redução da linguagem a slogans publicitários**. Para eles, a **repetição** é o elo que articula a indústria cultural e a publicidade:

Tanto técnica quanto economicamente, a publicidade e a indústria cultural se confundem. Tanto lá como cá, a mesma coisa aparece em inúmeros lugares, e **a repetição mecânica do mesmo produto cultural já é a repetição do mesmo slogan propagandístico**. Lá como cá, sob o imperativo da eficácia, a técnica converte-se em psicotécnica, em **procedimento de manipulação das pessoas** (Adorno/Horkheimer, 1985, p. 153).”